

O Globo, 29 de Janeiro de 2023

Censo deverá confirmar fim do bônus demográfico

Com mais idosos que jovens, única alternativa para o Brasil crescer no futuro será aumentar produtividade

Por: Editorial

Em projeção recente, o IBGE estimou a população brasileira em 207,8 milhões, patamar inferior à expectativa para o resultado do Censo (215 milhões). Coerente com a tendência demográfica global, o crescimento populacional desacelera. O principal impacto será econômico e exigirá da sociedade e da classe política uma maturidade para enfrentar as deficiências do Brasil que infelizmente não tem sido demonstrada até agora.

De 1980 em diante, o PIB per capita recebeu uma contribuição média anual de 0,4 ponto percentual apenas da entrada de jovens no mercado de trabalho, pelos cálculos do economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre/FGV). A ajuda da demografia desaparecerá com o envelhecimento dos brasileiros. Se o Censo confirmar a projeção de Holanda, o bônus demográfico representado pelo aumento da população em idade ativa, entre 15 e 65 anos, esgotou-se entre 2018 e 2021.

Com maior proporção de idosos, a tendência é a população brasileira estabilizar por volta de 2047, ou até antes. Na China, o declínio populacional que era previsto para o final desta década começou no ano passado. Governantes e gestores públicos não devem mais, portanto, cultivar a imagem do Brasil como

“país jovem” com mão de obra abundante. O envelhecimento traz um sem-número de desafios.

Não se poderá mais depender da inclusão de mão de obra jovem na força de trabalho. Será preciso produzir mais com menos gente. A tradução disso em termos econômicos se resume a uma palavra: produtividade. Antes, o PIB crescia “substituindo produtividade por horas trabalhadas”, na descrição do economista Paulo Paiva, da Fundação Dom Cabral. Agora, não há alternativa a não ser enfrentar a baixa produtividade crônica do Brasil. “A economia só crescerá tendo como base a eficiência”, diz Paiva.

Além da transformação profunda no ambiente de negócios que o país jamais encarou com seriedade, isso dependerá da qualificação de mão de obra para ocupar postos de trabalho a cada dia mais sofisticados. Enquanto a robótica e a automação tornam obsoletos os trabalhos manuais, o avanço da inteligência artificial substituirá também trabalhos criativos e intelectuais de alta especialização. Não é acaso que já haja engenheiros dirigindo Uber.

O Brasil mal implementou melhorias consistentes na rede de ensino básico. “A educação melhorou muito nos últimos 20 anos, mas com as oportunidades de trabalho não aconteceu o mesmo”, diz o economista Armando Castelar, também do Ibre/FGV. O esforço em educação e treinamento não se materializa em inovação, na produtividade e na geração de riqueza, de que o país precisa para se desenvolver.

A redução dos jovens na população já se manifesta nas matrículas no ensino fundamental, que têm caído à razão de 400 mil por ano, segundo Holanda. Ao

mesmo tempo, será preciso requalificar idosos, promover uma “alfabetização digital”, para que também possam continuar a trabalhar.

Como na Europa, deverão ser construídas menos escolas, enquanto o governo terá de dar apoio a redes de cuidadores de idosos, com demandas cada vez mais pesadas sobre o sistema de Previdência. Não são devaneios sobre um futuro distante. A questão já deveria ter começado a ser enfrentada pelo poder público. Mas os governos, como quase sempre, estão atrasados.

Link para a matéria original:

<https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2023/01/censo-devera-confirmar-fim-do-bonus-demografico.ghtml>